

Fernando de Sousa



CEPESE

A Indústria das Sedas em Trás-os-Montes

(1835 - 1870)

Economia e Sociedade **1**



Edições Cosmos

Colecção Economia e Sociedade 1

Esta colecção tem como objectivo contribuir para a divulgação da produção científica desenvolvida pelos sócios do CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, da Universidade do Porto.

Comissão Científica

Celso Almuiña, Esther Quinteiro, Eurico Figueiredo
Fernando de Sousa, François Guichard, Jorge Arrosteia
Jorge Fernandes Alves, Lorenzo López Trigal
Manuel Nazareth

Fernando de Sousa

A INDÚSTRIA DAS SEDAS
EM TRÁS-OS-MONTES
(1835 - 1870)



Edições Cosmos

Lisboa, 2001

© 2001, Edições Cosmos e Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade – CEPESE

Composição e impressão: Garrido artes gráficas

Fevereiro de 2001

ISBN 972-762-217-8

Depósito legal 158202/00

Edições Cosmos

Av. Júlio Dinis, 6C, 5.º dto. - P 1050-131 Lisboa

Telefone 21 799 99 50 Fax 21 799 99 79

www.liv-arcoiris.pt

cosmos@liv-arcoiris.pt

Difusão: Livraria Arco-Íris

www.liv-arcoiris.pt

Índice geral

11 *Introdução*

17 Parte I

1. O Nordeste trasmontano na sequência das guerras liberais, *19*
2. A Indústria da seda em Trás-os-Montes – sob a égide da fábrica de Chacim (1835-1855), *21*
3. Uma estratégia de desenvolvimento sericícola para o Nordeste trasmontano (1856-1870)?, *26*
 - 3.1 Plantar amoreiras, *32*
 - 3.2 O aumento da criação do sirgo, *34*
 - 3.3 A agonia da indústria da seda, *37*
4. Conclusão, *42*

51 Bibliografia

55 Parte II

56 Normas gerais de transcrição das fontes

57 Fontes

1. [Indústria das sedas em Trás-os-Montes]. Memoria que ao ministro do Reino dirigiu Leonardo José de Barros, em 28 de Janeiro de 1837, *59*
2. Noticias sobre a criação da seda na provincia de Trás-os-Montes; estado da decadencia da sua fiação; modo de aperfeiçoar até igualar com as melhores sedas de Italia; estado ruinoso da fabrica de Chacim; modo de a reparar e melhorar [1839], *65*

3. [Análise crítica que Hector Meynard faz da memória de Leonardo Manuel Garcia, sobre a indústria das sedas em Trás-os-Montes, em 1862], 73
4. A sericultura no districto de Bragança principalmente no concelho de Moncorvo [1864], 79
5. Dissertação sobre a sericultura em geral e particularmente no concelho de Moncorvo. Pelo agronomo do Instituto Geral de Agricultura Emilio Claudino de Oliveira Pimentel [1866], 103
6. [Venda do edificio da Fabrica de Chacim – 1866]. Districto de Bragança. Concelho de Macedo de Cavaleiros. Proprios nacionaes, 131
7. Duas palavras ácerca da sericultura no districto de Bragança [1867], 135
8. Memoria de mr. Baptiste Bremond. Aperçu sur la situation de l'industrie de la soie em Traz os Montes [1867], 161
9. [Circular enviada aos párocos do districto de Bragança para a criação de viveiros de amoreiras – 1867], 167
10. Breves instrucções para a cultura das amoreiras brancas, no districto de Bragança [1867], 173
11. [Relatório de Manuel Guerra Tenreiro sobre o contrato celebrado com a Junta Geral do Distrito de Bragança, relativo ao viveiro das amoreiras, 1868], 179
12. [A Sericultura no distrito de Bragança, 1868-1869], 189

235 *Índice geográfico*

239 *Índice onomástico*

*À memória de meu querido pai,
Torcato Correia de Sousa
(Vila Meã, 18.09.1917)
(Vila Nova de Gaia, 03.11.2000)*

Introdução

Em 1973, após dois anos de laboriosa investigação, apresentámos à Faculdade de Letras da Universidade do Porto a nossa tese de Licenciatura sobre Trás-os-Montes em finais do Antigo Regime¹.

Nesse trabalho, em que dedicamos uma atenção especial à economia da região, consagramos já um capítulo autónomo relativo à indústria das sedas em Trás-os-Montes, a única actividade transformadora da província que se manteve durante séculos e que nos finais do século XVIII e princípios do século XIX gerou uma riqueza considerável, trazendo a prosperidade a Bragança e ao Nordeste trasmontano.

Não terá sido a primeira vez que a indústria da seda e a sericultura desempenharam um importante papel na economia rural de Trás-os-Montes. E também não será a última. Mas a época referida foi indubitavelmente a época de maior euforia, de maior produção, especialização e qualidade.

Apesar de a sericultura e a indústria de seda terem constituído uma componente estrutural determinante da economia trasmontana, a verdade é que escasseiam os estudos sobre o tema.

É certo que José António de Sá e José Acúrcio das Neves, testemunhas privilegiadas da evolução da indústria das sedas em Trás-os-Montes, respectivamente, no último quartel do século XVIII e no primeiro quartel do século XIX, deixaram-nos páginas fundamentais sobre esta actividade económica².

1. *Trás-os-Montes. Subsídios para a sua história em fins do século XIX*, 2 vols., Porto, 1973 (tese de licenciatura).
2. José António de Sá, *Compendio de observações, que fórmão o plano da viagem política, e filosofica, que se deve fazer dentro da Patria*, Lisboa, 1783; e *Dissertações philosophico-políticas sobre o trato das sedas na comarca de Moncorvo*, Lisboa, 1787; José Acúrcio das Neves, *Noções historicas, economicas e administrativas sobre a produção, e manufactura das sedas em Portugal, e particularmente sobre a Real Fabrica do suburbio do Rato*, Lisboa, 1827.

Mais tarde, Fradesso da Silveira e Meneses Pimentel, para a segunda metade do século XIX, forneceram-nos, embora na perspectiva mais ampla da sericicultura portuguesa, preciosos contributos sobre aquela³.

Em seguida, o abade de Baçal, Francisco Manuel Alves, já no nosso século, legou-nos, nas suas monumentais memórias sobre o distrito de Bragança, importantes documentos para a referida indústria⁴.

Depois dele, apenas surgiram, da nossa autoria, o estudo já referido, que faz parte da nossa tese de licenciatura, o artigo publicado na *Revista de História Económica e Social*⁵, intitulado «A Indústria das Sedas em Trás-os-Montes (1780-1812)», onde, pela primeira vez, servindo-me de fontes manuscritas inéditas, carreei novos contributos para aquela indústria na época mencionada e os recentes trabalhos intitulados «Para a história da indústria das sedas em Trás-os-Montes (1819-1823)» e «A reestruturação da indústria das sedas em Trás-os-Montes nos finais de Setecentos», publicados na revista *População e Sociedade*⁶.

Mas continua a não se conhecer a evolução da indústria das sedas em Trás-os-Montes, desde o século XVI a finais do século XVIII. Não há qualquer estudo que procure relacionar, por exemplo, os ciclos de expansão e decadência de tal indústria com as épocas de repressão e abrandamento da acção da Inquisição no Nordeste trasmontano ou com os ciclos de expansão ou abrandamento da nossa economia. Desconhece-se o verdadeiro impacto que a adopção das técnicas piemontesas teve na indústria das sedas. A acção de José António de Sá, corregedor da comarca de Moncorvo, figura central na viragem do século XVIII para o século XIX no que diz respeito ao desenvolvimento e modernização desta indústria, encontra-se apenas esboçada. E para o século XIX, não temos qualquer visão de conjunto sobre a sericicultura e indústria das sedas.

Ignoram-se, assim, os equipamentos e técnicas utilizadas, a origem dos capitais, os seus principais capitalistas e fabricantes, o sistema de organização do trabalho, os mecanismos e factores de produção, venda e distribuição, enfim as causas que impediram a sua modernização no século XIX. E, de não menos importância, a publicação das fontes manuscritas ou impressas mais

3 Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, *A Sericicultura em Portugal*, Lisboa, 1869; e João Inácio Teixeira Meneses Pimentel, *Sericicultura portuguesa*, Lisboa, 1902.

4 *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, 11 tomos, Porto, 1909-48.

5 «A indústria das sedas em Trás-os-Montes (1790-1813)», *Revista de História Económica e Social*, vol. II, Lisboa, 1978.

6 *População e Sociedade*, revista do CEPESE (Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade), ex-CEPFAM (Centro de Estudos da População e Família), nº 5, Porto, 1999.

importantes que dizem respeito à sericultura e à indústria das sedas de Trás-os-Montes está ainda por fazer!...

Estamos certos que, em breve, novos estudos sobre este aliciente tema irão surgir, como o de José Rodrigues Monteiro, assistente da Faculdade de Letras de Coimbra, que pretende elaborar a sua tese de doutoramento sobre a indústria das sedas em Trás-os-Montes, nos séculos XVII e XVIII.

Pela nossa parte, dispomos, neste momento, de um vastíssimo conjunto de fontes sobre tal matéria, encontrando-se em fase final de elaboração um trabalho sobre a indústria trasmontana das sedas entre 1812 e 1835.

Mas, para já, aqui fica uma primeira abordagem ao estudo da indústria das sedas em Trás-os-Montes (1835-70), acompanhada de um conjunto de fontes impressas até hoje, na sua quase totalidade inaproveitadas porque desconhecidas – no século XIX há muitas fontes impressas que, para todos os efeitos, permanecem inéditas porque ignoradas ou inaproveitadas –, o que deve ser entendido como o quarto contributo que damos para o projecto de investigação mais amplo que estamos a desenvolver, e que diz respeito à indústria da seda em Trás-os-Montes, na Época Contemporânea, séculos XIX e XX.

As Fontes

Para este trabalho sobre a indústria das sedas em Trás-os-Montes, entre 1835-70, foi-nos possível consultar um vasto conjunto de fontes manuscritas e impressas.

As fontes manuscritas dizem respeito, fundamentalmente, à *Correspondência* do Governo Civil de Bragança, existente no Arquivo Distrital de Bragança, ao inquérito sericícola de 1869, e ainda, se bem que secundariamente, a outras fontes existentes no Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas e Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

No que diz respeito às fontes impressas, consultamos o *Diário do Governo* (1836-70), nomeadamente as *Actas das sessões da Junta Geral do Districto de Bragança* e as *Consultas da Junta Geral do Districto de Bragança* (1842-68) nele inseridas; as *Consultas das Juntas Geraes dos Districtos Administrativos do Reino e Illas Adjacentes* (1842-65); o *Relatorio do ministro dos negocios do Reino apresentado ás camaras legislativas em 30 de Junho de 1852* (1852); os *Relatorios sobre o estado da administração publica nos districtos administrativos do Continente do Reino* (1856-65); a *Colecção dos relatorios das visitas feitas aos districtos pelos respectivos governadores civis* (1868); os *Relatorios apresentados á Junta Geral do Districto de*

Bragança (1870-79); revistas como os *Annaes do Conselho de Saude Publica do Reino* (1839-42), o *Archivo Rural* (1858-72), e o *Jornal da Sociedade Agricola do Porto* (1858-62); e ainda os trabalhos de Fradesso da Silveira, João Inácio Pimentel e Francisco Teixeira de Aguiar, que, como todas as fontes, se encontram citados nas notas.

Das numerosas fontes impressas que consultamos, publicamos agora 12, a maioria esmagadora ainda não referenciada por qualquer historiador, as quais se revelam de grande importância para o estudo da indústria das sedas e da sericultura na época em questão.

A primeira, de 28 de Janeiro de 1837, da autoria de Leonardo José de Barros, constitui uma resposta ao pedido efectuado pelo Ministério do Reino, nesse mesmo mês, no sentido de conhecer, como iremos ver, o estado em que se encontrava a fábrica das sedas de Chacim. Foi publicada pela primeira vez em 1862, no *Jornal da Sociedade Agricola do Porto*.

A segunda, de 26 de Julho de 1839, da autoria de Leonardo Manuel Garcia, integra-se no conjunto das informações que a Junta Geral do Distrito de Bragança dá ao Governo relativamente à situação económica e social em que se encontrava o Nordeste trasmontano. Foi publicada, pela primeira vez, no *Diario do Governo*, de 1839, e novamente publicada em 1862, no *Jornal da Sociedade Agricola do Porto*, e mais tarde, em 1867, no *Diario de Lisboa*.

A terceira fonte, da autoria de Heitor Meynard, diz respeito às considerações que este fez sobre a memória de 1839, de Leonardo Manuel Garcia. Foi publicada em 1862, no *Jornal da Sociedade Agricola do Porto*. Meynard ignorava que a memória de Leonardo Manuel Garcia, impressa naquele jornal, nesse mesmo ano, datava de 1839, razão pela qual vai tecer algumas considerações críticas à mesma, só compreensíveis justamente porque não sabia que Leonardo Garcia a tinha escrito três décadas antes.

A quarta, da autoria do visconde de Vila Maior, publicada em 1864, no *Archivo Rural*, diz respeito à sericultura no distrito de Bragança, principalmente no concelho de Moncorvo, ao seu estado e às medidas necessárias ao seu desenvolvimento.

A quinta fonte, da autoria do agrónomo Emílio Claudino de Oliveira Pimentel, foi publicada na mesma revista que a anterior fonte, em 1866, e debruça-se sobre o mesmo tema, deixando entender uma certa emulação entre os dois. Muito instrutiva para o conhecimento do tema em questão, liquida de vez as rodas antigas ou carrilhos, assim como as rodas piemontesas, e valoriza as novas máquinas introduzidas por Germond em Moncorvo, que descreve e reproduz.

A sexta fonte trata da descrição física da fábrica da Chacim, e da avaliação feita em ordem à sua venda nos bens nacionais.

A sétima fonte diz respeito ao extenso texto sobre a sericicultura no distrito de Bragança, publicado no Diário do Governo, então designado por *Diario de Lisboa*, em 1867, a propósito da exposição de sericicultura que teve lugar no Palácio de Cristal, no Porto, nesse mesmo ano. Trata-se de um valioso texto, que insere a memória de Leonardo Manuel Garcia, de 1839, como já referimos, e que apresenta dois quadros estatísticos muito importantes sobre a produção do distrito de Bragança, quanto ao casulo e à seda em fio, que constituem as tabelas n.º 9 e 10 deste nosso estudo.

A oitava fonte, também publicada no *Diario de Lisboa*, no mesmo ano, é uma memória de Baptista Bremond, que visitou Trás-os-Montes nesse ano. Trata-se de um dos numerosos comerciantes franceses que então percorriam o Nordeste trasmontano à procura de casulo.

A nona e décima fontes constam, ainda, do *Diario de Lisboa*, de 1867, e destinam-se a propagar a cultura das amoreiras no distrito de Bragança. A primeira, aliás, foi objecto de publicidade por parte do Ministério das Obras Públicas e largamente distribuída em Trás-os-Montes.

A décima primeira fonte contém o relatório de Manuel Guerra Tenreiro, proprietário de Freixo de Espada à Cinta, relativo ao viveiro de amoreiras que estabelecera no seu concelho, em função do contrato estabelecido com a Junta Geral do Distrito de Bragança, para fornecer 180 000 pés de amoreiras ao Nordeste trasmontano.

Finalmente, a décima segunda fonte trata das respostas enviadas ao inquérito da plantação das amoreiras e progresso da indústria das sedas, de 1868-69, respostas essas da autoria de Paulo Cândido Ferreira, Augusto de Baptista e sobretudo de Manuel Guerra Tenreiro, textos inseridos por Fradesso da Silveira, relator daquela comissão, na sua obra *A Sericicultura em Portugal*.

Com a sua publicação neste trabalho, procuramos divulgar as fontes impressas mais importantes sobre a sericicultura em Trás-os-Montes, entre 1835 e 1870, dando continuidade à publicitação de outras fontes que temos efectuado noutros trabalhos relativos ao mesmo tema e que dizem respeito ao período compreendido entre 1780 e 1835.

Outras fontes manuscritas, existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo do Ministério das Obras Públicas e Arquivo Histórico Ultramarino, já levantadas e transcritas, irão ser publicadas em breve.

Índices

Índice geográfico

- Açoreira, 99
Alentejo, 220, 225
Alfândega da Fé, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35,
37, 39, 41, 62, 86, 100, 101, 191
Algarve, 225
Alto Douro, 47
Arcozelo, 19
Ardèche, 217
Ásia, 61, 106, 107, 137
Ásia Oriental, 107
Áustria, 215
Aveiro, 222
Avignon, 109
Azinhoso, 41, 86, 100
- Babilónia, 137
Baviera, 145, 215
Beira, 111, 120
Beira-Alta, 81, 82, 120
Bélgica, 215
Bornes, 21, 41, 142
Braga, 54, 222
Bragança, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 22, 23,
24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35,
36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48,
53, 61, 70, 71, 79, 81, 83, 84, 86, 88, 89, 90,
91, 99, 100, 101, 105, 108, 109, 110, 113,
124, 125, 131, 135, 139, 142, 144, 146,
155, 158, 160, 164, 165, 167, 171, 173,
179, 181, 187, 189, 191, 196, 203, 204,
206, 208, 223, 226
Brasil, 42, 46
Cabeça Boa, 99
- Cabeça de Mouro, 99
Calábria, 87, 110, 121, 146
Cantábria (costas da), 19
Carção, 19
Carrazeda de Anciaes, 27, 28, 29, 30, 31, 32,
35, 37, 41, 100, 191
Castelo Branco, 222
Cáucaso, 82
Chacim, 14, 15, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 35,
38, 39, 41, 43, 44, 61, 62, 63, 65, 68, 69, 70,
75, 84, 86, 92, 97, 101, 108, 125, 131, 133,
138, 139, 141, 142, 164, 199, 202, 217, 218
China, 84, 100, 107, 108, 110, 212
Coimbra, 13, 36, 40, 42, 43, 53, 84, 226
Constantinopla, 107, 137
Córdova, 108
Cortiços, 27, 28
Crato, 204
- Danúbio (rio), 145, 212
Don (rio), 145
Douro (rio), 19, 37, 96
- Ervededo (couto de), 108
Espanha, 19, 33, 42, 100, 107, 109, 110, 113,
120, 138, 147, 165, 205, 222
Estevais, 99
Estremadura, 225
Europa, 27, 34, 43, 78, 81, 82, 86, 106, 107,
109, 110, 116, 137, 138, 143, 144, 206, 212
Europa Oriental, 106
- Faro, 226
Felgar, 62, 99

- Felgueiras, 99
 Filipinas, 112
 França, 26, 32, 33, 39, 48, 75, 77, 83, 86, 87, 89,
 93, 94, 95, 96, 98, 107, 109, 110, 111, 114,
 116, 120, 121, 124, 138, 145, 146, 149,
 151, 153, 165, 169, 177, 182, 185, 201,
 202, 205, 207, 211, 212, 213, 215, 219,
 221, 222, 223, 224, 227, 228, 229
 Freixo de Espada à Cinta, 15, 25, 27, 28, 29, 30,
 31, 32, 33, 35, 41, 42, 43, 47, 101, 144,
 154, 157, 158, 160, 164, 181, 187, 191,
 195, 196, 202, 232
 GERMEL (penedias), 225
 Granada 108, 138
 Grécia, 107, 110, 146
 Guarda, 81, 91, 105, 109, 113, 204, 222, 223
 Horta, 99
 Índia, 215
 Inglaterra, 215
 Itália, 22, 23, 26, 32, 48, 63, 65, 71, 75, 77, 84,
 87, 89, 100, 107, 108, 109, 110, 120, 137,
 138, 149, 151, 165, 169, 170, 191, 192,
 201, 205, 207, 212, 213, 221, 222
 Izeda, 27, 28, 29, 30
 Japão, 95, 109, 143
 Lamas, 27, 28
 Lamego, 204
 Languedoc, 109
 Larinho, 99
 Lebução, 21, 203
 Leiria, 226
 Levante, 77, 109, 120
 Linhares, 204
 Lisboa, 11, 12, 14, 15, 20, 21, 26, 27, 32, 36, 39,
 40, 48, 53, 54, 84, 85, 101, 129, 133, 142,
 160, 165, 171, 177, 181, 187, 217, 226
 Lombardia, 120
 Londres, 81
 Lyon, 109, 215, 218
 Macedo de Cavaleiros, 26, 29, 30, 31, 32, 35,
 37, 39, 41, 100, 101, 131, 138, 191
 Madrid, 205
 Mar Negro, 145
 Marivela (quinta da), 145, 153, 154, 158, 183
 Marselha 37, 96, 205
 Massores, 99
 Minho, 220
 Miranda do Douro, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 35,
 61, 87, 164, 191, 199, 204
 Mirandela, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 39, 41, 54, 86,
 100, 101, 191
 Mogadouro, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37,
 39, 41, 100, 101, 191
 Moncorvo, 11, 12, 14, 20, 27, 28, 29, 30, 31, 32,
 33, 37, 38, 39, 41, 54, 61, 62, 79, 83, 85, 86,
 91, 92, 96, 99, 100, 101, 103, 106, 111,
 113, 115, 116, 122, 125, 128, 156, 164,
 191, 204, 218
 Múrcia, 108, 138
 Nimes, 215
 Outeiro, 27, 28
 Paris, 81, 227, 228
 Peredo, 99
 Pérsia, 107, 212
 Piemonte, 21, 70, 77, 98, 111
 Pinhel, 204
 Porto, 11, 12, 14, 15, 22, 25, 27, 35, 37, 39, 40,
 44, 47, 53, 54, 55, 63, 78, 83, 91, 96, 100,
 112, 124, 142, 203, 218, 222
 Portugal, 11, 12, 19, 22, 26, 33, 44, 48, 53, 54,
 61, 62, 63, 75, 76, 77, 78, 81, 84, 94, 108,
 109, 110, 111, 129, 138, 142, 143, 146,
 147, 151, 211, 212, 213, 217, 219, 229
 Póvoa, 99
 Pradel, 217
 Prússia, 89, 145
 Prússia Renana, 215
 Rebordelo, 21, 41, 142
 Ródano (bacia do), 145
 Roma, 107
 Roménia, 82
 Rumélia, 82
 S. Fins, 203
 Sabor, 37, 96

- Saint Nazaire, 96
Saint-Chamond, 215
Saint-Étienne, 215
Salamanca, 147
Santalha, 27, 28
Saxónia, 215
Sevilha, 108
Sicília, 87, 107, 110, 120, 121
Siraz, 137
Souto, 99
Suécia, 150
Suiça, 215
- Távira, 204
Tomar, 204
Torre de Dona Chama, 27, 28, 29, 30, 41, 100
Trancoso, 204
Trás-os-Montes, 11, 12, 13, 15, 19, 20, 21, 23,
25, 37, 42, 44, 46, 48, 53, 54, 55, 59, 61, 62,
65, 67, 70, 71, 73, 75, 77, 81, 82, 84, 93,
108, 109, 111, 112, 116, 118, 120, 138,
142, 161, 163, 204, 217
- Turim, 68, 111
Turquia, 95, 109, 120, 212
- Urros, 21, 99
- Valência, 150, 205
Valladolid, 147
Valpaços, 203
Vaucluse, 82, 94, 153, 205
Viana, 222
Vila Flor, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 41, 100, 191
Vila Franca, 92
Vila Real, 21, 25, 54, 55, 204, 222
Vilarelho, 203
Vilariga (vale da), 164
Vilarinho da Castanheira, 27, 28, 41, 100
Vimioso, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 41, 100, 191
Vinhais, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 191
Viseu, 81, 91, 204, 222, 223
Vivarais, 217
Volga (rio), 145
- Zamora, 147

Índice onomástico

- Aguilar, Francisco de Azevedo Teixeira de, 14, 27, 58
Alves, Francisco Manuel, 12, 25, 53
Alves, Jorge Fernandes, 55
Aristóteles, 107
Arnaud, 21, 84
Arnaud, Caetano, 84
Arnaud, José Maria, 84
Arnauds, 24, 35, 39, 46
Augusto, António, 133
Azevedo, José Alves Pinto de, 181
- Baçal (abade de), ver Alves, Francisco Manuel
Baptista, A. Augusto de, 15, 48, 192
Barros, Guilhermino Augusto de, 143
Barros, José, 22, 23
Barros, Leonardo José de, 14, 59, 63
Beauvais, Camille, 169
Beauvais, Émile, 212, 213, 224
Bluteau, Rafael, 142
Bonnafous, 212
Borges, António José, 187
Boyer, M., 228
Brandão, José Marçal, 37
Brémond, Baptiste, 15, 161, 204
- Campilho, Pedro Vicente Morais, 187
Cardoso, José Luís, 53
Carrier, Amans, 169
Castro, Paulo Cândido Pereira de Sousa e, 144, 160
Chambom, Vaucauson, 75
Claudino, António, 33, 38
Coelho, Eduardo José, 187
- Colbert, 84
Costa, António Manuel de Azevedo e, 187
Coutinho, D. Rodrigo de Sousa (conde de Linhares), 53, 202
- Dioscórides, 110
Duseigneur, 75
- Ezequiel, 107
- Faria, Francisco Inácio Rebelo de, 187
Farrobo (conde de), 92
Fernandes, Hirondino, 53
Fernandes, Lopes, 46
Ferreira, Paulo Cândido, 15, 90, 171, 177, 192
Ferrier, 212, 215
Fontenay, 94
Freitas, Rodrigues de, 47, 48, 53
- Galas, José Joaquim Dias, 187
Galbert, 95
Garcia, Leonardo Manuel, 14, 15, 23, 71, 73, 75, 76, 77, 138, 139, 203
Gasparin (conde de), 87, 110, 112
Germond, Frederico, 14, 37, 39, 40, 97, 125
Girão, Amorim, 39
Gomes, Bernardino, 35, 108, 116, 120
Gonçalves, Silva, 54
Gouveia, J. de Melo, 187
Grange, Brunet de la, 211, 214
Guerra, 187
Guerra, Francisca Maria da Trindade, 158, 159, 160
Guerra, Manuel, 33, 155, 157, 232

- Guerra, Manuel Joaquim, 160
 Guerra, Manuel Marcelino, 160
 Guerra, Sebastião José da, 160
- Henrique IV, 205
- José I (D.), 84, 108, 138
 Justiniano (imperador), 107, 110, 137
 Justino, David, 26, 48, 53
- Labaume, 228
 Lacerda, Manuel Bernardo Pinheiro de, 71
 Lima, Henrique José Ferreira, 89, 143, 158, 160, 186, 187, 208
 Lima, Jacinto José de Sá, 158, 160, 187
 Locatelli, 48, 75
- Magno, Alexandre, 107
 Maria I (D.), 111
 Mariani, José, 37
 Martin, Aimé, 230, 231
 Meinards de Val-Reas, 82
 Melo, Fontes Pereira de, 38
 Melo, Martinho de, 202
 Mendes, José Maria Amado, 53
 Meneses, D. Luís de (conde de Ericeira), 83, 108, 138
 Mercuriali, 110
 Meynard, Heitor, 14, 37, 40, 73, 78
 Miranda, José António, 133
 Monteiro, José Rodrigues, 13
 Moser, Eduardo, 26, 82, 83, 91
- Neves, José Acúrsio das, 11, 21, 53
 Nova Sintra (barão de), 39, 218
- Oliveira, 96
 Oliveira, António Caetano de, 94
- Pedro II (D.), 83, 108, 110, 138
 Pegado, Pedro Gomes de Magalhães Pinto, 187
 Pereira, Castro, 100
 Pereira, Jorge Leite, 187
 Pereira, Miriam Halpern, 39, 48, 53
 Pessanha, José de Almeida, 187
 Pimentel, Emílio Claudino de Oliveira, 8, 14, 103
- Pimentel, João Inácio Teixeira Meneses, 8, 14, 25, 39
 Pinto, António Ferreira de Macedo, 20
 Plínio, 107, 110
 Pombal (marquês de), 84, 108, 111, 138, 139, 191, 217
 Pullein, 114
- Rebello, 187
 Ribeiro, António Augusto, 133
 Ribeiro, António José, 160
 Riboulerie, Raoul Godet de la, 94
 Robert, Eugéne, 218
 Robinet, 112, 122
 Rogério I, 107
- Sá, José António de, 11, 12, 31, 34, 38, 54, 55, 84, 85, 93, 99, 111, 122, 124, 160
 Sales, Ernesto Augusto Pereira de, 39, 54
 Salomão, 107
 Samodães (conde de), 26, 27, 37, 39, 120, 122, 146, 216
 Santo, António do Espírito, 133
 Santos, Manuel Lopes dos, 25
 Sarmiento, Manuel Deutel de Figueiredo, 33, 88
 Seringe, 222, 227
 Serres, Olivier de, 205, 206, 217, 231
 Silva, André Mansuy Diniz, 53
 Silva, Rebelo da, 47, 48, 54
 Silveira, Joaquim Henriques Fradesso da, 12, 14, 15, 34, 37, 39, 47, 48, 54
 Soares, Rodrigo de Morais, 89, 143
 Sousa, Fernando de, 54, 55
- Tenreiro, Manuel Guerra, 8, 15, 33, 47, 143, 144, 154, 158, 159, 160, 179, 181, 187, 195, 202, 204
 Tinelli, 39
- Vasconcelos, Luís Carlos de Macedo e, 187
 Verri (conde de), 114
 Vila Maior (visconde de), 14, 33, 37, 38, 99
 Vilar, João António Pires, 187
 Vinhas, Ana, 133

Como explicarmos que em Trás-os-Montes, entre 1835-1870, não tenha aparecido nenhum projecto válido de modernização da indústria de seda, protagonizado por um ou mais empresários, uma indústria que, malgrado as fases de avanço e recuo, registava já uma existência plurissecular, com épocas até de grande prosperidade e, conhecedora mesmo, nos finais do século XVIII, uma tentativa séria de modernização? Não é fácil responder a esta questão. Sabemos que a desindustrialização constitui um fenómeno tão complexo como a industrialização; que os fracassos económicos têm tanto significado como os sucessos; e que a explicação de um facto de natureza regional, neste caso a desindustrialização do Nordeste Transmontano, só ganha pleno sentido quando inserida no quadro mais amplo da realidade nacional e mesmo internacional. No que diz respeito à indústria das sedas em Trás-os-Montes, poder-se-ão invocar os mais diversos factores, desde o atraso da agricultura, inegável, e os mais altos custos de transporte, até à escassez do capital e aos níveis baixíssimos de formação dos recursos humanos, perpetuando estruturas e valores arcaicos, sem esquecer a "abertura" do mercado nacional à produção inglesa das chitas, lenços e mais tecidos, então em plena expansão. Seja como for, ninguém se mexeu. Os capitais continuaram "à sombra esterilizadora da ociosidade". O eldorado da seda, autêntico maná das populações do Nordeste Transmontano, por 1870, estava prestes a chegar ao fim. E a região, "colónia do nosso país", voltou a mergulhar no esquecimento e no abandono a que tinha sido votada e de que só acordou um século mais tarde.

ISBN 972-762-217-8



9 789727 622177